

## A sociedade unidimensional e a realidade da pandemia

### *One-dimensional Society and the Reality of the Pandemic*

RODRIGO DA SILVA DOS SANTOS\*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é demonstrar que a sociedade brasileira atual pode ser qualificada como um caso típico de sociedade unidimensional. Por conseguinte, serão apresentados argumentos visando defender tal posicionamento, bem como oferecer uma definição do conceito de sociedade unidimensional, conceito este desenvolvido por Herbert Marcuse, em sua teoria crítica da sociedade. Logo, a partir do conceito de sociedade unidimensional, antes produzido no intuito de dar conta da realidade das sociedades mais avançadas do globo, da segunda metade do século XX, passa a ter hoje em dia enorme pertinência, quando utilizado para analisar outras sociedades vistas como sociedades “em desenvolvimento”, como é o caso do Brasil. Portanto, o artigo busca oferecer uma reflexão a respeito da atual realidade brasileira e, em especial, no tempo presente, isto é, em tempos de pandemia do novo coronavírus COVID-19.

**Palavras-chave:** Herbert Marcuse. Sociedade unidimensional. Indústria cultural. Pandemia.

**Abstract:** The aim of this article is to demonstrate that the very Brazilian society can be qualified as a typical case of one-dimensional society. Therefore, arguments will be presented aiming to defend this position, as well as offering a definition of the concept of one-dimensional society, a concept developed by Herbert Marcuse, in his critical theory of society. Therefore, from the concept of one-dimensional society, previously produced in order to account for the reality of the most advanced societies

---

\* Rodrigo da Silva dos Santos é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor de Ensino Médio do ISERJ (Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro) – FAETEC e da SEEDUC-RJ (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro). Contato: [rodprofilosofia@gmail.com](mailto:rodprofilosofia@gmail.com)

in the World, at the second half of the 20th century, it now has enormous relevance, when used to analyze other societies seen as “developing” societies, as is the case in Brazil. Therefore, the article seeks to offer a reflection on the current Brazilian reality and, especially, at the present time, that is, in times of pandemic of the COVID-19.

**Keywords:** Herbert Marcuse. One-dimensional society. Cultural industry. Pandemic.

Podemos dizer que o Brasil atual tem as características necessárias para ser considerado uma *sociedade unidimensional*, isso por conta de toda a dinâmica histórica na qual o país se insere, a partir do chamado processo de globalização, desenvolvido nos séculos XX e XXI, cujo significado consiste no processo expansionista dos mercados das megaempresas transnacionais em escala mundial, oportunizando a implementação em diversos países do globalismo – ideologia característica do neoliberalismo, que

[...] reduz a pluralidade da globalização a uma única dimensão – a dimensão econômica – que, por sua vez, ainda é pensada de forma linear e deixa todas as outras dimensões relativas à ecologia, à cultura, à política e à sociedade civil – sob o domínio subordinador do mercado mundial (BECK, 1999, p. 27-28).

A partir disso, no entanto, devemos observar que o conceito de sociedade unidimensional, havia sido definido por Herbert Marcuse numa de suas obras mais famosas, ou seja, o livro intitulado *O homem unidimensional* (1964), para se referir, exclusivamente, às sociedades industriais capitalistas mais avançadas. Contudo, o próprio autor chamava atenção para o fato de que haveria, com o passar do tempo, a possibilidade de que o fenômeno da unidimensionalidade se ampliasse em nível progressivo: “Há amplas áreas dentro e fora dessas sociedades em que as tendências descritas não prevalecem – eu diria: não prevalecem ainda” (MARCUSE, 2015, p. 37).

Por conseguinte, afirmamos que sim, o Brasil tornou-se uma sociedade unidimensional. Mas, o que, então, vem a ser isso: uma sociedade unidimensional? Por que o Brasil atual enquadra-se nesse conceito?

Pois bem, Marcuse nos diz que a sociedade unidimensional é aquela na qual pensamentos e ações ou comportamentos que destoem do *statu quo*

estabelecido pela ordem política e econômica vigente são imediatamente desconsiderados e/ou duramente reprimidos, não tanto, porém, pelo uso de violência física, mas a partir de sofisticados dispositivos de propaganda e de técnicas de persuasão, criados para gerar consenso ou submissão em relação aos discursos dominantes e a aceitação resignada dos valores impostos pelo aparato produtivo capitalista e às suas organizações privadas, governamentais e não governamentais, todas alinhadas com a visão de mundo oferecida pelo capitalismo tardio.

Assim, numa sociedade unidimensional, ações e pensamentos divergentes à realidade (im)posta traduzem-se em algo como ilusão utópica, delírio ou ideal perigoso e subversivo. Além disso, com o avanço dos recursos científicos e tecnológicos, assimilados pelo aparato produtivo, criam-se poderosos dispositivos de controle e dominação social, que atingem um nível de eficácia e eficiência espantosos, o que parece obliterar qualquer discurso ou iniciativa que desafie ou proponha mudanças sociais, qualitativamente, diferentes das propostas pelos planos de reformas e ajustes formulados pelo Grande Capital.

Esta é uma visão de mundo unidimensional, nos termos de Marcuse, o que significa que a vida social deve seguir um pensamento único, apoiando-se na ideologia de que chegamos ao “fim da história”, isto é, o fim do embate entre as grandes narrativas políticas antagônicas, tendo o capitalismo e o comunismo como os principais desses embates, mas agora supostamente extinto, com o triunfo definitivo da visão de mundo capitalista.

### **Pensamento único**

Nesta medida, na sociedade unidimensional, deve-se seguir apenas um discurso. Logo, a sociedade deve ser programada segundo um único algoritmo: operar segundo o paradigma das ideologias neo ou ultraliberais. Este paradigma defende que seu sistema democrático liberal é o modelo democrático por excelência, na medida em que seus habitantes são “autenticamente livres”, ou têm possibilidades de sê-los, desde que sigam as “regras do jogo”, ou seja, desde que se sujeitem e que se adêquem à lógica social que vige e vigora, expressa tanto na legislação, quanto nos costumes, quanto no estilo de

vida cantado em verso e prosa pelos meios de comunicação de massa: a lógica do consumo e do acúmulo.

Assim, os métodos de persuasão social contidos no marketing e na publicidade, bem como no mercado cultural e de entretenimento, fazem com que os indivíduos se tornem escravos das mercadorias que consomem, seduzidos pelas mensagens hipnóticas que sugestionam a massa a consumir irracionalmente, desmesuradamente, mais e mais.

Para o Grupo MARCUSE (Movimento Autônomo de Reflexão Crítica para Uso dos Sobreviventes da Economia) – grupo interdisciplinar de teóricos que analisam criticamente o meio publicitário – a publicidade, “Como só admite a compra como resposta, a sugestão publicitária faz parte da hipnose. É uma questão de entorpecer a consciência para permitir comandos (‘Compre aqui!’, ‘Consuma isto!’).” (GRUPO MARCUSE, 2012, p. 37).

Noutra ocasião, o grupo chega a dizer que “Bajular, seduzir, influenciar... Essas são as palavras-chave de todos os manuais de publicidade. Essa profissão é a da ‘persuasão social’, da exploração da credibilidade humana” (GRUPO MARCUSE, 2012, p. 39).

Portanto, na sociedade unidimensional, podemos observar que uma notável gama de recursos é investida para gerar na população um nível cada vez maior de satisfação e de comodidade. Satisfação e comodidade, porém, nada duradouras, pois são, na verdade, satisfações imediatas e comodidades aparentes, ambas limitadas pelo grau de poder aquisitivo de cada indivíduo.

Aliás, se prestarmos atenção à realidade brasileira – considerando o Brasil um país “em desenvolvimento” – a cada dia vemos tais fenômenos encontrados nas sociedades “desenvolvidas” também aqui ocorrerem. Exemplo disso é o aumento expressivo, nas últimas décadas, do acesso por parte das classes chamadas de C, D e E a diversos bens de consumo e serviços diversos.

Hoje, podemos ver moradores de favelas e demais comunidades carentes (tribos indígenas, comunidades quilombolas, etc.) tendo acesso à internet, graças a planos “populares” oferecidos pelas operadoras de telefonia<sup>1</sup>, e a en-

---

1. Além disso, temos os serviços “paralelos”, ou seja, serviços ilegais, que, muitas das vezes, são tolerados pelo poder público, em função da rentabilidade que tais serviços geram, na forma de propinas que alimentam a corrupção, um elemento constitutivo da própria estrutura do capitalismo real.

tretenimentos como cinema, shopping, serviços de *delivery* etc.; alguns são, inclusive, proprietários de fornos de micro-ondas, *smart tvs*, *notebooks*, celulares com câmeras de alta resolução, etc. Mas, ao mesmo tempo, grande parte dessas mesmas pessoas, que usufruem hoje em dia desses bens e serviços, não têm sequer saneamento básico,<sup>2</sup> e não gozam de segurança, lazer, educação e saúde de qualidade mínima.

No entanto, o que é mais estarrecedor é que a maioria dessa população resigna-se com essa situação, aceita as satisfações imediatas, as comodidades aparentes, frui os prazeres efêmeros disponibilizados pelo mercado, mesmo que, no final das contas, padeça com a falta de condições de possibilidade de gozo de direitos humanos básicos, que lhes proporcionariam satisfações mais duradouras e significativas.

### A consciência feliz brasileira

O capitalismo tardio brasileiro produziu, graças também a toda a força das determinações históricas que marcaram o desenvolvimento histórico do Brasil até hoje (processo de colonização extrativista, genocídio e escravidão dos povos nativos, tráfico escravidão dos povos africanos, entre outras mazelas), uma forma de pensar do brasileiro médio que pode ser traduzida na frase: “Bom, bom, não tá, mas tá bom”.

Isso, portanto, se assemelha ao que Marcuse denomina “conquista da consciência infeliz”: por que o indivíduo tem que se preocupar se a miséria e a injustiça crescem a cada dia, se a violência e a desigualdade social só aumentam, se ele pode consumir diversos produtos e serviços, mesmo que sua renda estabeleça os limites desse consumo e a qualidade desses produtos e serviços. Pois, como diz um velho ditado: “A qualidade depende do preço”.

Ora, então, qual o problema? As pessoas hoje em dia, através da internet e das redes sociais (virtuais), exercem sua cidadania dando o seu “dislike” nas

---

2. Segundo dados coletados até 2018 pelo SINIS (Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento), o índice de coleta de esgotos em todo território brasileiro corresponde a apenas 53,2%. Dados disponíveis In: Brasil. Ministério do Desenvolvimento Regional. Secretaria Nacional de Saneamento – SNS. *Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento: 24º Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgotos – 2018*. Brasília: SNS/MDR, 2019. p. 58.

tragédias e absurdos noticiados e compartilhados, ou uma “curtida” nas notícias consideradas positivas, assim como podem contemplar os produtos inovadores que o mercado acabou de lançar, e que é possível até mesmo, realizar a compra *online*, através de uma “superpromoção”, para gerar-lhe um grau ainda maior de gozo e de prazer imediatos.

Por isso, apesar de todos os percalços e catástrofes que a vida no capitalismo traz, tudo parece ficar bem, quando estamos diante de uma tela. Ainda mais com a internet, que pode ser acessada por meio de qualquer celular com “configurações mínimas e recomendadas”. Assim, é possível a felicidade. Chegamos, pois, ao estado de consciência feliz, na sociedade unidimensional, como nos descreve Marcuse: “A Consciência Feliz, a crença de que o real é racional e que o sistema entrega os bens – reflete o novo conformismo que é uma faceta da racionalidade tecnológica traduzida em comportamento social” (MARCUSE, 2015, p. 107).

Curioso o fato de que a expressão do funkeiro Mc Mazinho se adéque bem ao quadro atual: “Tá dominado, tá tudo dominado”. O próprio Marcuse talvez ficasse espantado com o nível tão elevado de dominação ao qual estamos submetidos aqui no Brasil, caso ainda estivesse vivo e fizesse uma visita às nossas terras.

A denúncia de Marcuse aos dispositivos tecnológicos de controle da sociedade unidimensional, em sua época, continua válida para os tempos de hoje, porque ela continua se intensificando, sobrepondo-se a outros modelos de sociedade no mundo, desde o Ocidente até o Oriente, também encontrando no Brasil, do Caburaí ao Chuí, terreno fértil para implementação desse tipo de sociedade.

Deste modo, através de seus dispositivos tecnológicos de controle, a realidade unidimensional projeta uma aldeia global, governada pelo império do Capital. A partir disso, verifica-se que os dispositivos tecnológicos do aparato produtivo capitalista são tão poderosos que aparecem para a opinião pública como encarnações da razão, agindo em benefício da população e servindo a seus interesses. Max Horkheimer e Theodor Adorno, colegas de Marcuse, e de pensamentos convergentes aos dele em muitos pontos, preferiram chamar esses dispositivos de *indústria cultural*. “O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural” (HORKHEIMER, ADORNO, 1985, p. 118).

Desse modo, o discurso “racional”, “técnico” e “competente” mostra-se tão inexorável, tão avassalador, que uma opinião ou posicionamento de caráter questionador ou contrário à ordem estabelecida mostra-se irracional, absurdo “na prática”. Ou seja, devemos aceitar que outro mundo não é possível. Logo, “o protesto do indivíduo ficou sufocado na raiz: quem se nega a cooperar aparece como neurótico e impotente” (MARCUSE, 1974, p. 357).

Por conseguinte, o caminho fica livre para as tecnologias sociais de dominação exercerem seu poder. E mais, segundo Marcuse, chegam a introjetar na dimensão privada dos indivíduos, ou seja, no mundo interior de suas subjetividades, seus princípios e valores de uma maneira imediata, fazendo com que eles se identifiquem com tais princípios e valores de maneira automática, isto é, sem a necessidade de mediações sociais, que, anteriormente, tinham um importante papel na formação pessoal e social dos sujeitos.

### **Educação unidimensional**

Agora, as exigências sociais impostas ao aparelho psíquico não são mais prerrogativa exclusiva de instituições e atores sociais tradicionais, como família, amigos, escola, comunidades religiosas, associações, etc. Elas perdem relevância ou são agenciadas pela sociedade unidimensional, transfigurando o princípio de realidade em princípio de desempenho, consentâneo ao estabelecido pelo sistema capitalista.

Isto ocorre porque o fenômeno da introjeção dá-se na mais tenra infância, prejudicando o aprendizado e o desenvolvimento mental potencial infantil. Destarte, os pequeninos aprendem, desde muito cedo, a viver segundo os parâmetros da ideologia capitalista.

Pois, como afirma Vigotski,

[...] o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronte na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Conseqüentemente, as crianças têm a sua

própria aritmética pré-escolar, que somente psicólogos míopes podem ignorar. (VIGOTSKI, 2013, p. 110)

Não obstante o exemplo de Vigotski acima, podemos dizer que no Brasil muitas crianças pobres, em idade pré-escolar, também aprendem aritmética de outro modo, frustrante, contudo: é o momento quando os pequeninos, de posse de algumas moedinhas, vão à tendinha da esquina comprar doces. No momento da compra, aprendem a dura lição capitalista de que as moedinhas de que dispõem, muita das vezes, não serão suficientes para comprar os doces realmente desejados, tendo que se contentar com os doces mais baratos, e menos gostosos.

Destarte, todo esse processo pedagógico do Capital resulta não numa “adaptação” ao *statu quo*, mas numa *mimesis*, isto é, uma identificação imediata com a sociedade, através das práticas exemplares que ela propaga nas *mass media*, no cotidiano e nos próprios jogos de linguagem ordinária que ela produz.

Assim, identificação imediata com a sociedade unidimensional produz o homem unidimensional, manipulado e conduzido por uma organização técnica e científica, fundados na racionalidade instrumental, que prescinde de valores e fins não operacionais, pois estes são vistos como “universais metafísicos” (a *liberdade*, a *igualdade*, a *solidariedade*, a *justiça*, o *amor*, etc.), não passam, portanto, de abstrações impossíveis de se concretizarem nessa realidade unidimensional do Capital.

O que importa, afinal, são os fins operacionais, instrumentais, isto é, a irracional valoração dos próprios meios de produção de riqueza e mais-valia, através da busca por um desenvolvimento ótimo e frenético da produtividade e distribuição eficiente de mercadorias e serviços para honra e glória do sistema explorador e opressor.

## Repensando conceitos

Nesta medida, Marcuse adverte que os conceitos marxistas tradicionais de alienação e de ideologia devem ser reformulados, caso se queira com eles compreender, adequadamente, o novo contexto histórico em que vivemos.

A ideologia não pode mais ser vista como mera *falsa consciência*, haja vista o fato de que, na sociedade unidimensional, “há apenas uma dimensão, e

ela está em todos os lugares e em todas as formas”. (MARCUSE, 2015, p. 49). Esta nova abordagem a respeito do conceito de ideologia, Marcuse atribui a Adorno. Em *Prismas. Crítica cultural e sociedade*, Adorno diz:

Nessa prisão ao ar livre em que o mundo está se transformando, já nem importa mais o que depende do quê, pois tudo se tornou uno. Todos os fenômenos enrijecem-se em insígnias da dominação absoluta do que existe. Não há mais ideologia no sentido próprio de falsa consciência, mas somente propaganda a favor do mundo, mediante a sua duplicação e a mentira provocadora, que não pretende ser acreditada, mas que pede o silêncio (ADORNO, 1998, p. 25).

Além, pois, do dito acima, Adorno também assevera: “Hoje ‘ideologia’ significa sociedade enquanto aparência” (ADORNO, 1998, p. 21). A ideologia, portanto, passa a ser *mistificação da realidade social*.

Por conseguinte, tanto para Adorno quanto para Marcuse, esse novo fenômeno social é o efeito indústria cultural, fazendo com que a ideologia passe a se identificar com a própria realidade social estabelecida, pois ela se encontra no próprio processo de produção.

Assim, a falsa consciência passa a ser a verdadeira consciência. A própria existência se tornou existência alienada, mostrando, dia após dia, sua capacidade de conter a mudança social qualitativa.

Logo, o indivíduo que vive na sociedade unidimensional, isto é, o homem unidimensional, tende a ser um homem alienado desde a infância até seu último suspiro de vida, pois a alienação deixa de ser *estranhamento* (*Entfremdung*) – desrealização e reificação do ser humano – e passa a ser no mundo unidimensional apenas *exteriorização* (*Entäusserung*) – transformação do trabalho humano em objetos, produtos, mercadorias. Neste sentido, as pessoas desenvolvem tão somente relações possessivas com seus objetos: “As pessoas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, nos seus aparelhos *hi-fi*, nas suas casas de dois andares ou com mezanino e nos seus utensílios de cozinha.” (MARCUSE, 2015, p. 47).

Este fenômeno gera a confusão entre *ter* e *ser* (FROMM, 1982). O homem unidimensional não consegue, portanto, se dar conta de que está sob o encanto da forma histórica mais avassaladora de fetichismo da mercadoria.

A situação então se configura tão dramática, que não basta para Marcuse a tomada de consciência das contradições sociais que escancaram a irracionalidade e as injustiças do sistema. É preciso ir além. É preciso uma Grande Recusa, capaz de emancipar o ser humano da desrazão da racionalidade tecnológica.

### Domínio sobre as pulsões

Contudo, a sociedade unidimensional parece fechar por todos os lados, as brechas pelas quais as forças de contestação poderiam entrar e abalar a ordem instituída. Vivemos em uma sociedade fascista, totalitária. Visto que, para Marcuse,

Não apenas uma forma de governo ou diretriz partidária conduz ao totalitarismo, mas também um sistema específico de produção e distribuição que bem poderia ser compatível com o “pluralismo partidário”, jornais, ‘poderes compensatórios’, etc. (MARCUSE, 2015, p. 42-43)

Para alguns, no entanto, valendo-se da metapsicologia freudiana, haveria nas forças obscuras do inconsciente a brecha mais importante que poderia comprometer todo o sustentáculo do *establishment*.

Porém, Marcuse observa que até mesmo o inconsciente e suas pulsões erótica (de promoção e conservação da vida) e tanática (de destruição e morte) são administradas pelo aparato produtivo.

Numa sociedade unidimensional, o princípio de prazer identifica-se com o princípio de realidade, e o que vale, então, é a satisfação a mais intensa e imediata possível. Porque isso vende mais.

Mas o próprio Freud não diz que a repressão é necessária para garantir a convivência social? Pois é, mas a sociedade unidimensional criou o que Marcuse chama de *dessublimação repressiva*, que consiste numa liberação controlada das pulsões, não para emancipar os homens nem torná-los mais felizes, mas simplesmente canalizar suas energias libidinais e destrutivas para soerguer o sistema capitalista.

A indústria cultural promove assim a transformação da pulsão erótica (que estabelece relações de amor, amizade, compaixão, caridade, etc.) em pulsão parcial sexual, reduzida às zonas erógenas, e o erótico reduz-se ao ato

sexual. Porém, o sexo deve ser controlado, manipulado, administrado em termos de *performance* por um lado, e por outro, permanecer como *tabu*. Tudo depende da perspectiva que será mais vantajosa e lucrativa em dada ocasião e circunstâncias: pois, de qualquer forma, com o poder de unir os opostos, “a indústria cultural é pornográfica e puritana” (HORKHEIMER, ADORNO, 1985, p. 131).

Já a pulsão destrutiva, com o enfraquecimento da pulsão erótica, sua antagonista, teoricamente tende a aumentar, tornando os indivíduos agressivos. Essa agressividade, que poderia ser um importante estopim para contestação da ordem vigente, porém, é também controlada pelo aparato produtivo. Toda a agressividade que as frustrações e limitações provocadas pelo sistema vigente, todos os desejos e necessidades não satisfeitos que a indústria cultural não lhe pode eliminar, será canalizada e investida num objeto personificado, considerado inimigo do princípio de realidade estabelecido, para, assim, conseguir a coesão social. Segundo Marcuse,

[...] a informação e a propaganda cotidianamente recebidas constroem imagens concretas e imediatas do inimigo – humanas, ou melhor, desumanas: é muito menos contra o comunismo ameaçador, um sistema extremamente complexo e ‘abstrato’, que contra um poder altamente personalizado – os vermelhos, os comunistas, os camaradas, Castro, os stalinistas, os chineses – que as massas se mobilizam e se unem. Assim, o inimigo é não só mais concreto que a abstração que forma sua realidade como também mais móvel e fungível, podendo encarnar muitas figuras conhecidas e odiadas, como os homossexuais, os estrangeiros, os intelectuais, os judeus, de acordo com o nível e interesse do grupo social em questão. (MARCUSE, 1998, p. 104)

Dessa maneira, *sex and violence* são os instrumentos utilizados pela sociedade unidimensional para exercer sua dominação e exploração.

## Sociedade unidimensional e pandemia da COVID-19

Eis que surge a pandemia do novo coronavírus COVID-19. Vírus altamente contagioso, em poucos meses espalhou-se por todo o globo. O site do Ministério da Saúde informa que

A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Por conta desse novo vírus, portanto, passamos por uma crise sanitária extremamente preocupante, fazendo milhares e milhares de vítimas no Brasil e milhões e milhões em todo o planeta, e, além disso, estamos vivendo a maior crise econômica mundial do século XXI.

Por não se contar ainda com uma vacina segura e autorizada, o único meio de a população se proteger é através do uso de máscaras e outros equipamentos de proteção individual, o distanciamento entre as pessoas e o isolamento daqueles considerados integrantes dos grupos com maior risco, de sintomas mais graves da doença.

Isto significou duro golpe na sociedade unidimensional, fundada na necessidade de consumo frenético. Diversas empresas, de todos os tamanhos e receitas passam por dificuldades, ou foram extintas, com a considerável queda em seus lucros, por conta do distanciamento e isolamento sociais, lockdowns, e desemprego em massa.

Apesar do enfrentamento ao vírus, do progressivo controle da doença em muitos países, e da corrida de várias instituições e corporações farmacêuticas e de ciência e tecnologia em saúde, nacionais e internacionais, empreenderem uma corrida para a produção de várias vacinas, ainda existe o temor de uma segunda ou mais ondas de contágio, sem falar em possíveis mutações que o vírus possa ter, amenizando sua virulência e letalidade, ou, pelo contrário, tornando-o mais forte e ameaçador.

Mas, será que essa catástrofe porá fim ao império da sociedade unidimensional? Enquanto a população mais pobre do globo torna-se cada vez mais pobre com essa crise, gerando aumento do desemprego, de fome e da falência dos sistemas hospitalares e ambulatoriais, os mais ricos tornam-se mais ricos, investindo nos inovadores negócios *online* (BBC NEWS BRASIL, 11 de out. de 2020)

Por tudo isso, fica a pergunta: será que na era pós-pandemia teremos simplesmente um “novo normal” da sociedade unidimensional? Ou se vislumbra o horizonte de uma nova sociedade, mais sustentável, ecológica, solidária e humana? Difícil dizer. Mas o futuro dirá.

## Referências

- ADORNO, Theodor. *Prismas. Crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.
- BBC NEWS BRASIL. Os cáuculos que preveem mais de 15 milhões de pessoas na miséria no mundo, enquanto fortuna de bilionários cresceu 27%. 11 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54470607>. Acesso em: 28 out. 2020.
- BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Secretaria Nacional de Saneamento – SNS. *Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento: 24º Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgotos – 2018*. Brasília: SNS/MDR, 2019.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- FROMM, Erich. *Ter ou ser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GRUPO MARCUSE. *Sobre a miséria humana no meio publicitário: por que o mundo agoniza em razão do nosso modo de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional*. São Paulo: Edipro, 2015.
- \_\_\_\_\_. A obsolescência da psicanálise. In: *Cultura e sociedade*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Sobre a doença: o que é covid-19. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 28 out. 2020.
- VIGOTSKI, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Artigo recebido em 29/10/2020 e aprovado para publicação em 16/11/2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i38-2020-7>

**Como citar:**

SANTOS, Rodrigo da Silva dos. A sociedade unidimensional e a realidade da pandemia. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 263-276, jul./dez. 2020. Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)